



FESTIVAL
DE BRASÍLIA
40
anos

HISTÓRIAS E CANÇÕES DE AMOR ANIMAM CHEGA DE SAUDADE, MUSICAL DE TODAS AS IDADES QUE SERÁ EXIBIDO HOJE, NO CINE BRASÍLIA

OS BAILES DA VIDA

BERNARDO SCARTEZINI

ESPECIAL PARA O CORREIO

São Paulo – Laís Bodanzky é boa de baile. Frequenta os salões de São Paulo sem se avexar com um forró apertado ou um tango bem marcado. Sem perder o ritmo da dança, fica atenta àqueles tipos ao redor. Muitos deles foram parar em *Chega de saudade*, ficção com ar de documentário, seu segundo longa-metragem. *Chega de saudade* traz a cineasta de volta ao Festival de Brasília, sete anos depois do sucesso de *Bicho de sete cabeças*. O filme será exibido esta noite, no Cine Brasília, na mostra competitiva em 35mm.

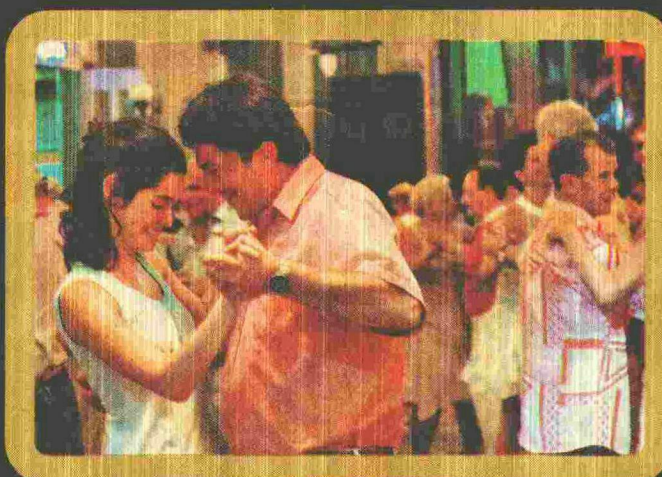
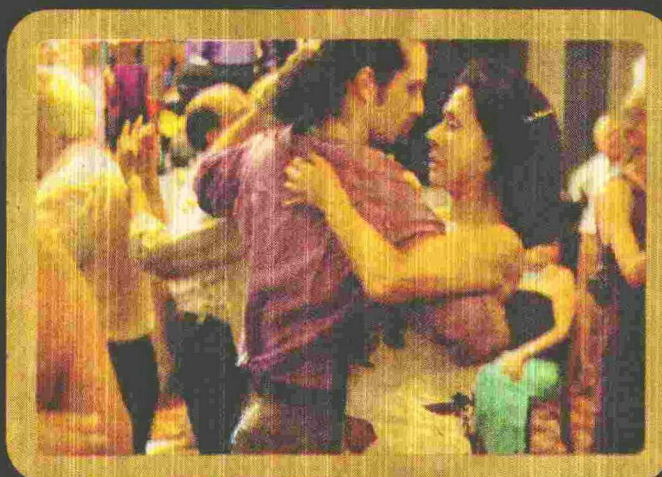
O roteirista Luiz Bolognesi é o parceiro da diretora em mais essa contradança. O casal tinha há anos o desejo de levar o cinema de ficção para dentro de um salão de bailes. Era um desejo anterior a *Bicho de sete cabeças*. Mas Laís sentia que aquela ainda não era a hora. Seria mais prudente começar a aventura de fazer longas-metragens com uma história já amarrada, um personagem central bem definido, como oferecia o autobiográfico *Canto dos malditos*, o livro de Austregésilo Carrano que inspirou o primeiro filme da dupla.

Chega de saudade não tem um personagem principal, nem mesmo uma narrativa principal. É um filme mosaico, um tecido feito por histórias paralelas que vão se entrelaçando, à semelhança do cinema de Robert Altman (*Short cuts*) e de Ettore Scola (*O baile*), influências assumidas pela diretora. Passa-se em um único ambiente, um vasto salão, no período de poucas horas, da abertura ao fechamento. Uma noite apenas na vida dos personagens.

“É uma história de muitos personagens, de personagens sutis, pequenas histórias falando de sentimentos do dia-a-dia”, define Laís. “Faz sentido, olhando para trás, que tenha sido feito depois do *Bicho*. É mais delicado para o roteiro, para a filmagem, para as atuações. É mais sutil, por isso mais difícil na realização.”

No elenco, há atores de todas as faixas etárias. Como Tônia Carrero e Leonardo Villar, Stepan Nercessian e Cássia Kiss, Paulo Vilhena e Maria Flor, o que obrigou a diretora a aprimorar seu jogo de cintura. “Minha relação com o Paulinho e a Maria Flor é engraçada, de brincadeira, de improviso, descontraída. Mas a Tônia e o Leonardo têm outra maneira de

Fotos: Beatriz Lefevre/Divulgação



trabalhar, mais formal.”

Tônia, a estrela da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, estava afastada dos sets havia 18 anos. Leonardo Villar, o Zé do Burro de *O pagador de promessas* (1962), não fazia cinema desde *Ação entre amigos* (1998), de Beto Brant. “Depois de cada take, os dois me perguntavam o que achei, se estava correto, se era para repetir. Eu não esperava isso. Percebi que esse cuidado faz parte de uma geração, eles têm grande respeito pelo diretor.”

Luzes e músicas

A produção de *Chega de saudade* alugou e fechou um dos mais tradicionais salões paulistanos, o União Fraterna, na Rua Guaicurus, na Lapa. As filmagens duraram cinco semanas e meia. Cronograma rígido. Apertado, assim, não por conta do orçamento, mas por um casamento marcado para o lugar. A equipe até procurou a noiva, pedindo que ela trocasse a data do casório, mas foi impossível, ela tinha convites na gráfica e tal.

Grossas janelas anti-ruído

CENAS DE CHEGA DE SAUDADE: HISTÓRIAS EM FORMA DE MOSAICO, À MODA DE ALTMAN E SCOLA

foram gentil benfeitoria da produção para o União Fraterna. Um andaime do lado de fora do prédio acabou de transformar o salão em um estúdio. Um pano preto tapou a luz do dia e os holofotes necessários deram ao diretor de fotografia Walter Carvalho a quantidade de luz desejada. Outro detalhe que ajudou no almejado ar documental foi a escolha dos figurantes. Um salão de baile, afinal, não se completa apenas com atores. Casais de dançarinos foram selecionados. Assim, Laís acredita que o elenco pôde fazer uma pesquisa de campo por lá mesmo. Eles estavam expostos às mesmas pessoas que inspiraram o roteiro de Luiz Bolognesi.

Como no teatro, Laís dirigiu um ensaio geral antes de começar as filmagens. Ali a história inteira foi encenada pelos atores, com os músicos a postos e a trilha sonora providenciando ao vivo a cadência de cada cena. Alguns improvisos daquele momento foram parar no roteiro e resistiram à montagem. Como o gesto do discjockey Paulo Vilhena de oferecer uma rosa à amada Maria Flor. Esse cavalheirismo, que ocorreu ao ator no momento, surpreendeu Laís e foi acatado.

Chega de saudade, afinal, é um filme sobre o amor. Em todas as idades. Com um carinho especial da diretora aos mais velhos, representados pelo casal formado por Tônia

Carrero e Leonardo Villar. “Busquei pessoas que não encaram a velhice de forma passiva, mas buscam o prazer da vida”, justifica a cineasta. “Os atores mais velhos têm essa expressão natural, esse sorriso no rosto. E têm isso em comum com os frequentadores dos salões. A dança expressa isso bem. É o prazer máximo com o corpo. Mexe com sua sensualidade, sua libido. É mentira dizer que na velhice não existe libido.”

Além de filme de amor, acrescenta-se o óbvio, *Chega de saudade* é também musical. Eduardo Bid (do grupo Funk Como Le Gusta) fez a produção musical, cuidando dos arranjos da banda que toca no salão. Uma banda bacana. Elza Soares é a crooner. No repertório, de forró a tango. Da popular dor-de-cotovelo de *Risque*, com Jamelão, à não tão popular *Una notte a Napoli*, cançoneta napolitana levada à maneira kitsch da banda Pink Martini. Além de Reginaldo Rossi e, claro, *Chega de saudade*, de Tom e Vinícius. A trilha sai em dezembro.

O filme estréia no circuito comercial no dia 21 de março, pela Buena Vista. O acerto com a distribuidora internacional é fruto da boa carreira de *Bicho de sete cabeças*, que fez 450 mil espectadores entre maio e dezembro de 2001. Ainda não está definido o número de cópias de *Chega de saudade*. Para tanto, será decisiva a reação do público no Cine Brasília logo mais à noite.